

Público	Periodicidade: Diário
	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 40
11-02-2021	

Sorria, você está a ser enganado – desde 2016



João Miguel Tavares

Mário Centeno é um génio político. Convém assumi-lo com clareza, que as grandes verdades são para serem ditas. Na execução do Orçamento do Estado para 2016, Centeno descobriu a fórmula mágica que tem permitido ao PS governar nos últimos seis anos sem maioria absoluta, com o apoio da esquerda, quase sem sobressaltos sociais e mantendo-se sempre à frente nas sondagens. Essa fórmula mágica chama-se “cativações”, e o génio de Centeno está no aproveitamento político-poético da polissemia do verbo “cativar”. Primeiro, Centeno cativou a esquerda com promessas de dinheiro. Depois, cativou o dinheiro e deixou a esquerda entretida com as promessas. Tem sido assim desde 2016.

A prova de que é mesmo uma invenção prodigiosa é que Mário



Centeno saiu do Governo, mas as cativações continuaram, prosperaram e são cada vez mais o alfa e o ómega da estratégia política e económica de António Costa. Dir-me-ão: as cativações não são uma invenção de Mário Centeno – elas já existiam. Sim, existiam, no mesmo sentido em que a pólvora já existia muito antes de ter sido inventada a espingarda. As cativações de Mário Centeno, e agora de João Leão, não são mero fogo-de-artifício. São o fuzil, o gatilho e a bala que têm permitido ao Governo e ao PS impor no imaginário colectivo a narrativa do “virar da página de austeridade”,

“As cativações de Centeno, e de João Leão, não são mero fogo-de-artifício. Mantém o país numa austeridade que é mais violenta do que no tempo de Passos

enquanto mantém o país há seis anos numa austeridade que, em muitos sentidos, é mais violenta do que no tempo de Passos Coelho.

Antes de Mário Centeno e António Costa, os governos não cumpriam muitas das promessas que fazem ao Parlamento e que publicam em lei, no *Diário da República*. É um tipo de simulação inteiramente novo, em que o Governo engana os seus parceiros, e os seus parceiros se deixam enganar, num exercício de mistificação que permite manter o controlo férreo sobre as finanças públicas, enquanto são prometidos vistosos aumentos de despesa no Parlamento. Os sucessivos orçamentos do Estado passaram a ser obras de ficção, não porque falhem, mas porque nunca pretenderam acertar.

É impressionante como o truque se manteve até em ano de pandemia. Joaquim Miranda Sarmento publicou um artigo no jornal *online Eco* – “A farsa orçamental continua... mesmo em tempos de pandemia” – no qual apresenta números da execução orçamental de meter medo ao susto. Sarmento é presidente do

conselho estratégico nacional do PSD, mas os números estão lá, disponíveis para escrutínio, e eles mostram que o Governo não só executou muito menos despesa do que a prevista face ao orçamento rectificativo, mas face ao próprio Orçamento do Estado original de 2020. O ano passado, o Governo devia ter investido 6,4 mil milhões de euros. Investiu 5 mil milhões. E isso inclui o investimento no próprio SNS, que em ano de pandemia foi inferior ao orçamentando antes de a pandemia chegar!

Com uma dívida a galgar acima dos 130%, o ministro das Finanças está a ser prudente. Compreendo-o muito bem, e não o culpo por isso. Agora, convém que tenhamos consciência de que as discussões orçamentais são cada vez mais um teatro parlamentar impossível de levar a sério e que a única forma que Costa arranjou para ser financeiramente responsável e governar com o apoio da esquerda é criando todos os anos uma mentira gigantesca a que dá o nome de Orçamento do Estado. Os cofres da República beneficiam dessa mentira. A democracia portuguesa, não.

Jornalista